



NUNO MOURA

RAFAEL

os filhos que nunca tive amei-os até crescerem
 livres das dores de parto diárias
 debaixo das barricadas de linho
 à mesa posta deposta de sabor
 e o jogo que aqueles perderam
 e seu estivesse
 e se eu fosse
 e se eu tivesse mas vão ver quando eu tiver
 e as dores que se engolem com dor
 no fim o sofá vazio e a almofada verde
 os amigos que riem lá por baixo
 a praceta cercada
 os olhos confidentes que a choram
 até que o sol desiste
 os cães passeiam o dono
 ele agora é feliz
 pisa a relva
 sente um pouco de chuva
 despe a mulher o cano roto e o grito
 respira agora
 descansa
 sente agora toda a chuva
 na cara nos olhos na lágrima
 que se mistura se morre
 é tarde no monte
 desço à cidade
 trago o cão ele a trela
 subo
 e esqueço

in *Não saia nem entre após aviso de fecho de portas*, (s/d [1993?])

guardião do estilo
 a dinâmica sonora e colorida da sua obra
 não esconde a água no pântano
 penetra sem recorrer a
 delicadas construções etéreas
 sem recorrer à ajuda
 da família
 as delicadas construções etéreas servem
 apenas para te esconder ó guardião do estilo
 a loucura lamenta ter eclipsado
 o guardião do estilo
 mas é de eriçar
 os pêlos dos braços, a sua obra, fatalmente marginal,
 sempre presente nas fases de luto para meter o dedo
 na ferida, a sua obra, com aquela infame tendência
 de repetir, a sua obra
 ó guardião do estilo

In *Cavalo Alucinado*,
 Douda Correria, Setembro de 2017.

eu tenho um olho torto que é o que escreve.
 o que está quieto
 só vê.

In *Os Livros de...*,
 Mariposa Azual, Abril de 2000, p. 221.

NUNO MOURA (Lisboa, 1970) é poeta, editor, recitador profissional. Começou a publicar em 1993. Em 1997, ganhou uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura. Fundou no ano seguinte, com Helena Vieira, a editora Mariposa Azual. Actualmente, é o editor da Mia Soave e da Douda Correria. Faz parte dos colectivos O COPO, Ventilan, Os Bambi e Batatas Parvas. Organiza eventos de música e de poesia. O seu mais recente livro intitula-se *Cavalo Alucinado*, como no poema de Ângelo de Lima.

DIGA 33

poesia no teatro
 às terças-terças-feiras
 de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO



2018
 TEATRO DA RAINHA





JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Foto: Nuno Martins

10

Está combinado, então, vamos começar o novo ano, é hoje
Ainda não sabemos onde deitar os anos velhos, mas não faz mal

Começaremos tal e qual como nas brincadeiras, ninguém se mexe antes do sinal
E, todos à uma, obedecem à voz do chefe, seja menino ou menina, conforme calha

O chefe, hoje, será o relógio, ou antes o coro dos relógios católicos romanos
Que começaram a contar a partir do instante em que a graça chegou ao mundo

Antes disso vivia-se sem graça, abaixo de zero, só desde então
Com graça, em anos positivos, e é este o mito que nos comanda

Precisamos de histórias inventadas, de contagens assim, ou perdemo-nos
George Eliot, este nome é também um começo inventado

Lembra, falando de começos, que até a ciência precisa de histórias
A que chama hipóteses e axiomas, e ela, George, escritora inglesa

Precisou, à partida, de se disfarçar de escritor inglês, e de instalar
No subconsciente dos leitores uma pila imaginária, mitológica

Corriam outros tempos, outras graças, mas é possível mudar
Os mitos, mudar de história, saltar para fora do império romano

Aqui no tablet, por exemplo, posso sincronizar-me com o tempo judaico
Um ligeiro toque e já não acaba o ano, já lá vai a festa

Hoje, dia 17 do mês de Tevet de cinco mil setecentos e setenta e seis
Um dia simples, vago, no mês das chuvas lamacentas da babilónia

Vou telefonar a desejar boas entradas à família e aos amigos
Ninguém vai suspeitar que estou a ligar do estrangeiro

In *Vertem-se Biblias em Quimbundo*, com CD *Crime*,
Mia Soave, Abril de 2017, s/p.

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA (Lisboa, 1961) é músico profissional, tendo o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional (1984). São inúmeras as colaborações, em concertos e discos, com músicos nacionais e estrangeiros. Desde 2009 lecciona na licenciatura em Jazz da ESML. Tem vindo a trabalhar noutras áreas como a poesia — publicando dois livros, dos quais o mais recente é o volume *Vertem-se Biblias em Quimbundo* (2017). Traduziu dois livros do poeta israelita Mordechai Geldman.

PRÓXIMA SESSÃO 20 DE FEVEREIRO

com
PAULO DA COSTA DOMINGOS
autor e editor da Frenesi

